

## ASPIRAÇÕES DOS JOVENS

Cidade e Campo em confronto nas ilhas de S. Miguel,  
Terceira e Faial \*

por

OCTÁVIO H. RIBEIRO DE MEDEIROS \*\*

### Résumé

Le présent travail s'offre à la suite d'une œuvre déjà publiée: *Situation et aspirations de la jeunesse aux Açores*. Contrairement au livre, ne sont étudiées ici que les îles présentant à la fois des espaces urbains et ruraux: São Miguel, Terceira et Faial, et ce avec une analyse inédite par groupes d'âge (15-19 ans; 20-25 ans).

L'hypothèse générale et les hypothèses opératoires sont, pour l'essentiel, reprises de l'ouvrage cité ci-dessus.

Après la *caractérisation* et l'analyse des principales *aspirations* de la jeunesse, quelques questions demeurent ouvertes; nous les formulons à la fin de cette étude. Et nous le faisons parce que nous sommes convaincu que les pourcentages, ou autres traitements de données, n'épuisent pas, à eux seuls, la compréhension-explication de la réalité, toujours plus complexe que nos théories — c'est sans doute pourquoi nous avons rencontré, parfois, une certaine difficulté à concilier, ou à harmoniser, l'«analyse de la réalité» et la «réalité analysée».

---

\* Uma primeira versão deste texto foi apresentada nas I Jornadas Culturais — «Descobrimientos e Missionação», realizadas no Seminário de Angra (Terceira), em Março de 1991.

Agradeço ao meu colega e amigo Dr. Francisco Mendes a preciosa e competente ajuda no tratamento informático dos gráficos incluídos no texto.

\*\* Assistente da Universidade dos Açores.

Nous laissons aux lecteurs le soin de continuer à réfléchir sur certaines des questions laissées ouvertes, surtout à ceux d'entre eux qui sont les plus sensibles, ou les plus sensibilisés, à la problématique de la jeunesse, et à ceux qui, par mission, lui vouent leur attention et leurs efforts.

#### Abstract

This work appears as a sequel to another, already published — *Situation and Aspiration of the Azorean Youth*. Unlike that book, only the islands with urban and rural spaces are studied here: S. Miguel, Terceira and Faial, with the added analysis of groups with ages ranging between 15-19 and 20-25 years old.

The general hypothesis, as well as the operational ones, are, in the main, retaken from the earlier publication.

Following the *characterization* and analysis of the main aspirations of the Azorean youth, some open issues remain which are dealt with at the end. We have done so convinced that the percentual and other treatments of such issues do not, in themselves, exhaust the understanding-explanation of reality: always more complex than our theories. Perhaps that is why we sometimes find it difficult to conciliate or to harmonize the «analysis of reality» with the «reality that is analysed».

Finally, this work is also an invitation to its readers, to continue the study of the issues that are left open here; an invitation that is particularly addressed to those more responsible and/or with added responsibilities over youth related issues, or to those who, out of a sense of mission, grant them added attention and effort.

#### Introdução

Aquando do apuramento dos dados da investigação levada a cabo pelo Centro de Estudos Sociais sobre a Situação e Aspirações da Juventude nos Açores, era nossa intenção aprofundar a análise por zonas, grupos de idade e por sexo. Dada a limitação de tempo, tal não foi possível, mas a intenção permaneceu, adquiriu forma e aqui está.

Tratando-se de análise sobre os mesmos dados, é possível encontrar algumas semelhanças na forma e no conteúdo, sobretudo quanto à caracterização e aspirações da juventude por zonas: urbano/rural.

Continuamos este tipo de análise, que julgamos útil, não obstante outras tendências e recursos metodológicos<sup>1</sup>. A análise por zonas permite-nos agregar questões e contribuir para a compreensão-explicação do «modus vivendi» psico-sociológico dos jovens urbanos e rurais, mormente em meio insular. Assim, completamos e superamos, algum tanto, a concepção dicotómica incapaz de dar significado mais completo no quadro do sistema<sup>2</sup>.

Tanto na caracterização dos jovens como na análise das suas aspirações tentamos manter-nos abertos à lógica do sistema concebido como conjunto de elementos em interacção e inter-relação, no espaço que lhes delimita o tipo e o alcance das acções e das suas ligações: ilhas/zonas<sup>3</sup>.

Apesar do nosso espaço geográfico ser considerado como Região, é de prever que os jovens se comportem, em cada espaço físico e situação, segundo certos valores adquiridos, experiências vivenciadas e mundividências construídas, que regulam e/ou dominam a vida social do seu meio, não obstante os desafios de abertura a que estão sujeitos os sistemas nas sociedades modernas.

Como resultante das combinações dos vários factores que provocam ou condicionam os desafios, hipotizamos, em geral, que a situação da juventude açoriana revela uma tendência à passagem de uma situação de homogeneidade sócio-cultural (do tipo rural, monolítico sacral), para uma situação mais heterogénea, pluralista, diferenciada (de tipo urbano e secularizado).

Esta mudança poderá apresentar intensidade e ritmos diferentes entre ilhas, zonas e grupos de idade, mas é de prever se verifique em toda a análise efectuada.

<sup>1</sup> Octávio H.R. de MEDEIROS, «Relações Campo-Cidade — Dependência ou complementaridade?», *Arquipélago — Ciências Sociais*, n.º 5, Ponta Delgada, (1990), pp. 169-204; Couto SANTOS, José Machado PAIS, «Os jovens e a cidade», in *Povos e Culturas*, n.º 3, Lisboa, (1988), pp. 65-92.

<sup>2</sup> A. Teixeira FERNANDES, *Sociologia e Sócio-Lógica*, Porto, 1985, p. 23.

<sup>3</sup> Cf. *Idem*, p. 25.

Quanto às aspirações, julgamos que os paradigmas dominantes das gerações em estudo não serão, de todo, coincidentes com os das gerações anteriores.

Antes, apostou-se em re-inventar o amor, derrubando barreiras preconceituosas; acreditou-se numa cultura-nova, comprometida e militante — a cultura de um futuro que se enraizava naquele presente; fez-se valer o culto da coragem, de uma coragem que se pretendia abnegada e perseverante; teimou-se em dar corpo a uma solidariedade desinteressada, etc.

Eram paradigmas duma geração — a dos anos sessenta<sup>4</sup>.

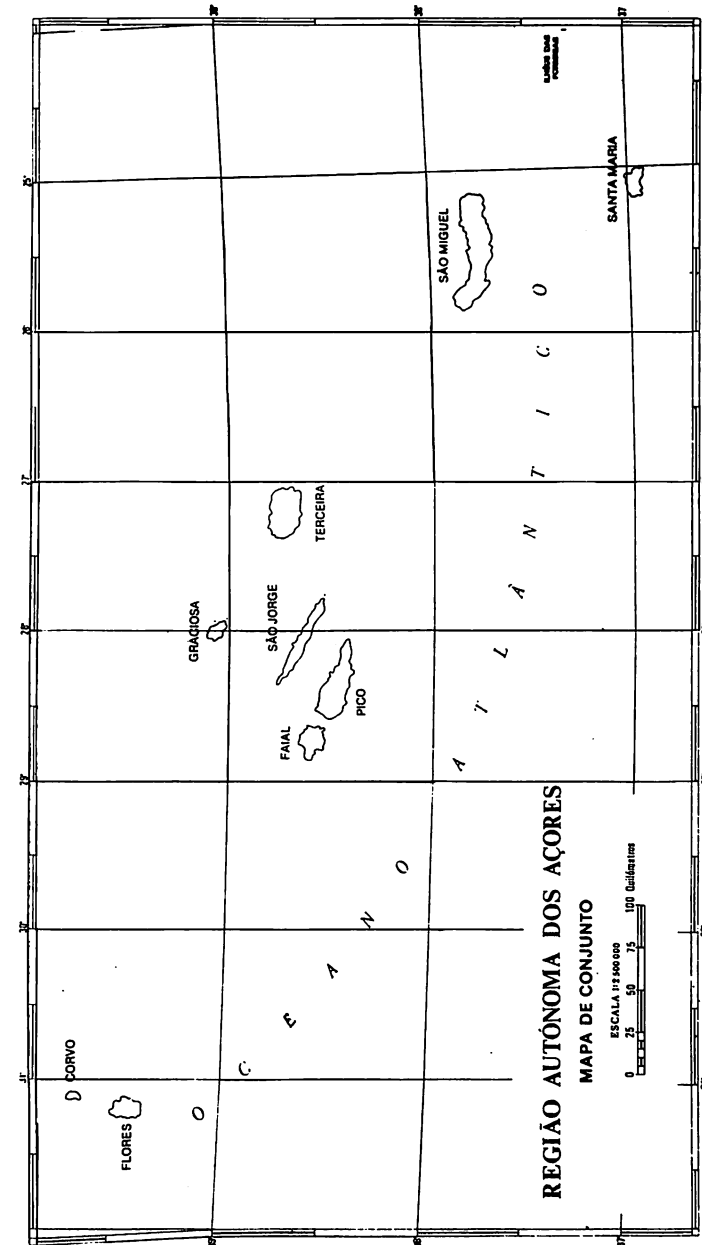
Agora, muitos destes paradigmas não se identificarão com os da juventude actual. Mas a consciência da diferenciação provável, longe de prejudicar a análise e interpretação dos dados, torná-las-á, de certo modo, mais ricas e objectivadas.

Não há dúvida de que novos problemas se colocam à juventude de hoje: quanto ao mundo do trabalho (profissão, formação adequada), à habitação, à realização humana em geral. Parece existir, também, uma certa contradição manifesta na juventude: menos contestária e interveniente no que respeita à vida da sociedade, menos manifestante em relação às grandes questões do nosso tempo. A generalização de um modelo de sociedade consumista e o envolvimento de uma «cultura burguesa», levam os jovens a preocupar-se mais com o êxito individual do que em apostar no sonho feito ideal de vida e construção de uma nova sociedade, onde a criatividade, participação e empenhamento ocupem lugar privilegiado.

Neste contexto psicológico e social, que nos parece dominante, e tentando superar o cómodo e o fácil das aparências e das soluções imediatas ou pré-concebidas, optámos pela investigação da problemática aqui tratada.

Como hipóteses orientadoras, decorrentes da hipótese geral, já enunciada, foram elaboradas as seguintes, que retomámos.

<sup>4</sup> Cf. Rui D'ESPINEY, «A geração de 60 em Portugal», *Sociologia — Problemas e Práticas*, Lisboa, n.º 8, 1990, pp. 113-127.



Assim, quanto às *aspirações*, hipotizamos que grande parte das aspirações manifestas dos jovens não encontram uma resposta adequada no meio onde vivem, mormente os rurais, o que provocará, a par duma desmotivação pessoal e duma inadaptação à situação vivida, a tendência para emigrar com vista à satisfação completa.

Em relação à *participação na sociedade*, e dado que tem sido nota dominante na nossa cultura considerar os jovens como os «homens de amanhã», reservando quase sempre aos adultos a «gestão» da sociedade e relegando para os jovens o lugar de meros «executores silenciosos» de programas feitos, prevê-se uma atitude manifestamente caracterizada pela indiferença, participação pouco significativa em actividades do meio e/ou marginalização.

No que respeita ao *trabalho e à profissão*, dada a visão predominantemente utilitária do trabalho, o «desprestígio» de algumas profissões e as necessidades criadas pela sociedade de consumo, prevê-se uma satisfação pouco significativa com o trabalho que realizam, uma valorização maior de profissões mais compensadoras a nível social, mesmo que em prejuízo da realização própria e de um contributo solidário ao desenvolvimento sócio-económico e cultural do meio.

Relativamente aos *tempos livres*, e admitindo que a ocupação dos tempos livres revela o modo como um povo manifesta a sua capacidade de exprimir, de modo espontâneo e criativo, a própria cultura, presume-se, pela convergência de vários factores relacionados com o contexto insular e social, que os jovens não demonstrarão grande iniciativa e originalidade a esse nível e se limitarão à imitatividade, sobretudo do que lhes é sugerido pela T.V., publicidade, revistas ilustradas, ou que corresponde a um desfrutamento fácil da vida, embora com certa diferenciação entre zonas, sexo e idades<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Cf. F. CARMO; G. ROCHA, O. MEDEIROS, *Situação e aspirações da Juventude nos Açores*, Ponta Delgada, 1990, pp. 25-26.

Neste trabalho apenas três ilhas serão objecto de estudo: S. Miguel, Terceira e Faial, por sinal as mais representativas populacionalmente. S. Miguel com 60% da população jovem (378 entrevistas), Terceira com 23.8% (150 entrevistas) e o Faial com 6% (37 entrevistas). Por zonas, a distribuição do número de entrevistas é a seguinte:

Ilhas	Urbano	Rural	Total
S. MIGUEL	92	286	378
TERCEIRA	47	103	150
FAIAL	16	21	37
TOTAL	155	410	565

Dado que a partir dos 19 anos, os jovens se encontram, normalmente, numa fase que lhes exige maior capacidade de decisão e uma certa atitude face a situações concretas da vida (profissão, estudos, serviço militar, casamento, etc...), é de prever que o seu posicionamento em tal caso seja diferente do dos mais jovens. Por isso os dividimos em dois grupos: um dos 15 aos 19 anos e outro dos 20 aos 25.

## 1. Caracterização<sup>6</sup>

*a — Situação face ao trabalho.* A maior percentagem dos que *só estudam* recai sobre a população jovem urbana. Destes, a percentagem mais elevada encontra-se nos urbanos de S. Miguel com 62.7%, enquanto o Faial detém a maior percentagem de trabalhadores ou trabalhador/estudante com 50%.

<sup>6</sup> Cf. *Idem*, pp. 35-83.

Gráfico I  
Situação face ao trabalho urbano, por ilha

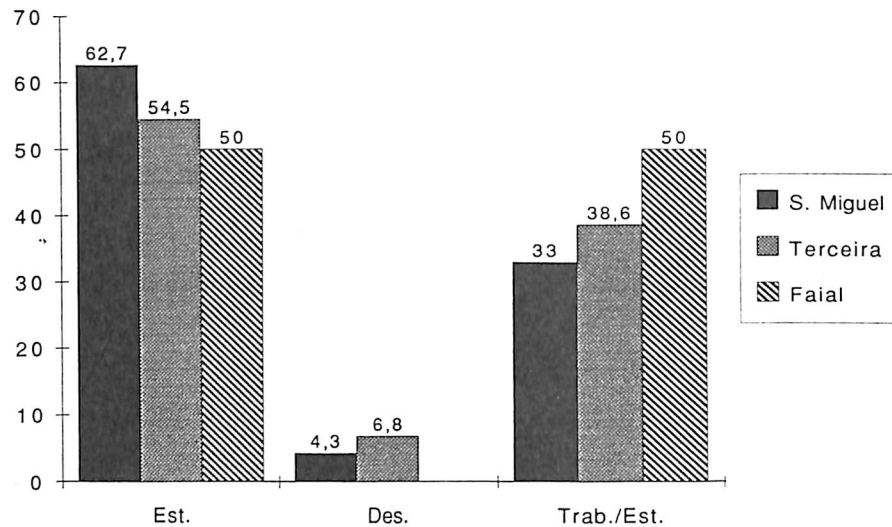
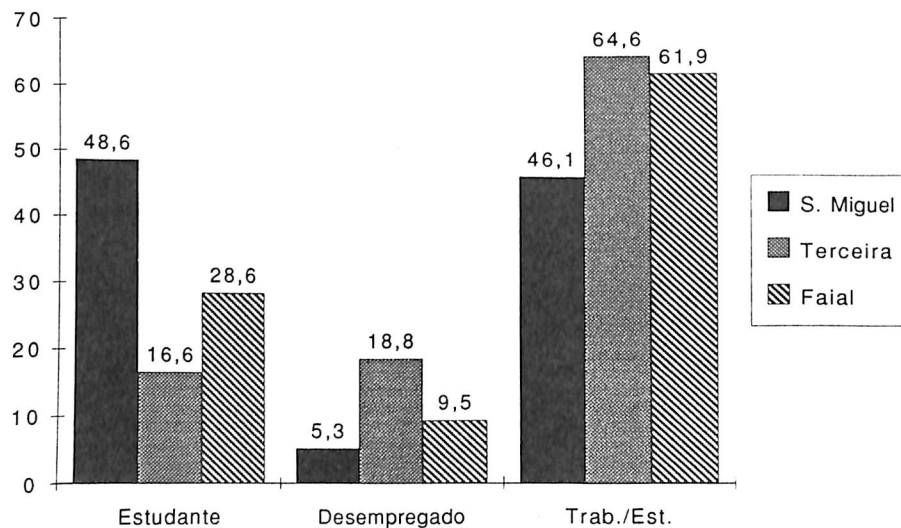


Gráfico II  
Situação face ao trabalho rural, por ilha



A análise por grupos de idade (15-19; 20-25) apresenta algumas diferenças significativas entre as três ilhas. Assim, enquanto no Faial 100% dos urbanos do 1º grupo *só estudam*, nas restantes ilhas o panorama é um pouco diferente. Na Terceira, por exemplo, é maior a percentagem dos trabalhadores ou trabalhadores/estudantes (28.6%).

No que se refere ao grupo dos 20 aos 25 anos é em S. Miguel que a percentagem dos que *só estudam* é mais elevada (31.6%), enquanto no Faial ela atinge apenas os 11%, sendo nula na Terceira.

Quanto aos *desempregados*, a percentagem dos urbanos é nula no Faial, enquanto na Terceira e em S. Miguel atinge os 6.8 e 4.3%, respectivamente.

Os rurais, por seu turno, sentem mais este problema com 5.3, 18.8 e 9.5% para as ilhas de S. Miguel, Terceira e Faial.

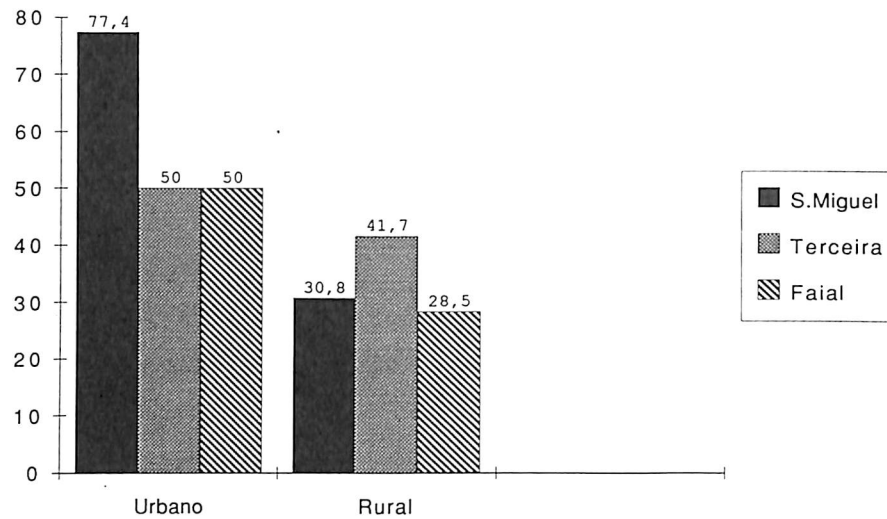
Estar desempregado *por ter sido despedido* afecta apenas os rurais (3) e, entre estes, mais os terceirenses (23%) do que os de S. Miguel (9.6%).

**b — Formação profissional.** Quanto à *preparação* para o trabalho que desenvolvem são os *urbanos* que mais a possuem (4). Por ilhas, S. Miguel é a que apresenta percentagens mais díspares: 77.4% possuem-na e 22.6 não. Na Terceira e no Faial as percentagens distribuem-se em partes iguais para os que a possuem e não possuem (50% cada).

Interessante registar como, em S. Miguel, a percentagem dos que dizem possuir *preparação* para o trabalho é relativamente mais elevada no grupo dos 15 aos 19 anos do que no dos 20 aos 25 anos: 79.6 e 76.9% respectivamente. Na Terceira e no Faial dá-se precisamente o contrário: são os dos 20 aos 25 os mais significativos: 85.7 e 50%, respectivamente.

Relativamente aos *rurais*, os terceirenses possuem *preparação* em percentagens aproximadamente iguais para os dois grupos (42 e 41%). O mesmo não se verifica em S. Miguel e no Faial, onde o segundo grupo é o mais bem preparado (37 e 43%, respectivamente).

Gráfico III  
Formação profissional possuída, urbano e rural, por ilhas



c — *Necessidade de formação.* Quanto aos que *não a possuem*, são os urbanos que a consideram como  *muito necessária*, embora com diferenças percentuais de ilha para ilha. Os urbanos da Terceira e os do Faial, com 50% cada, são os que mais pontuam aquela categoria, enquanto os micaelenses ficam-se pelos 12,6%.

No que diz respeito aos *rurais*, são os terceirenses que mais a pontuam, enquanto os rurais do Faial não a julgam muito necessária, dividindo as percentagens pelas categorias *nada* (70%) e *pouco* necessária (30%). Os rurais micaelenses, apresentam 27% para a categoria de  *muito necessária*.

Por idades as diferenças são significativas de ilha para ilha. Assim, enquanto nenhum dos urbanos mais jovens do Faial pontua a categoria *nada necessária*, os micaelenses são preemp-tórios na *não necessidade* (100%). O segundo grupo (20-25 anos) tem opinião diversa. Agora são os terceirenses a dizer *não à*

Gráfico IV  
Necessidade de preparação para o trabalho (urbano)

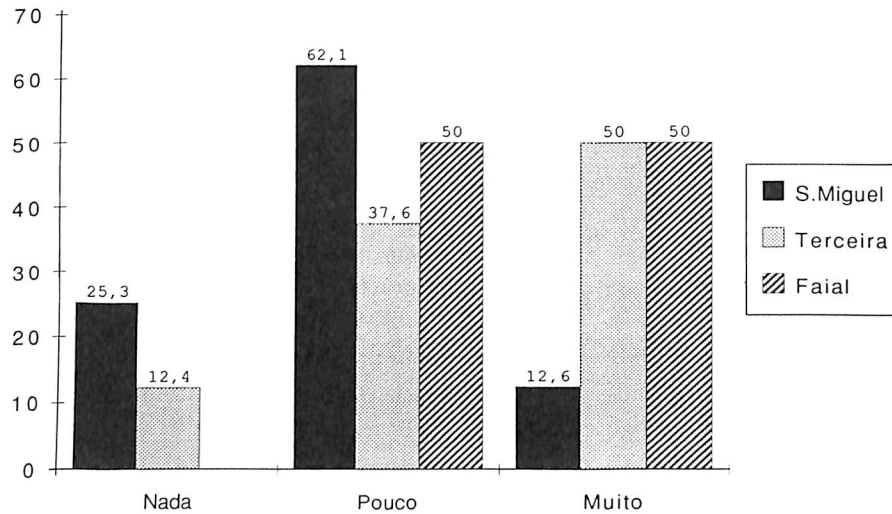
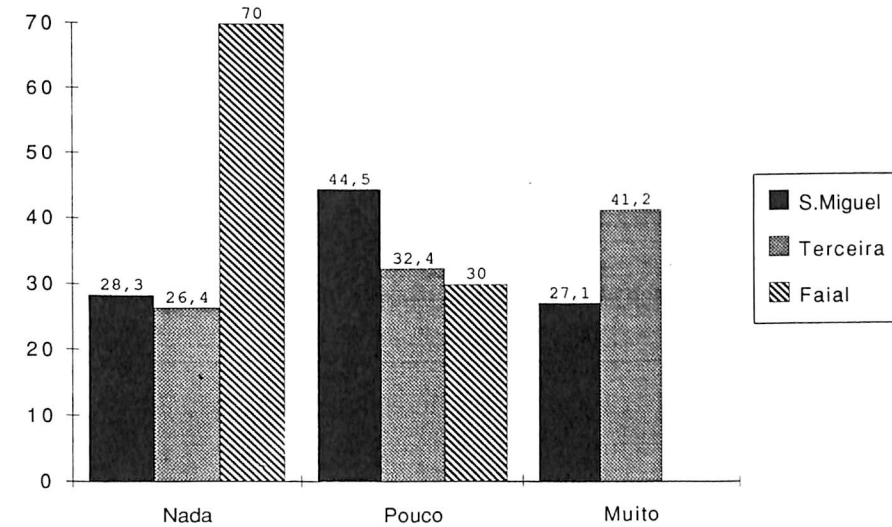


Gráfico V  
Necessidade de preparação para o trabalho (rural)



*necessidade* da preparação (100%), enquanto os faialenses se dividem em partes iguais para o *pouco* e  *muito* necessária (50% cada), e os micalenses pontuam todas as categorias: 14, 72 e 14% para nada, pouco e muito necessária.

Os rurais têm opiniões diferentes, com incidência significativa para os do Faial que, no grupo dos 20 aos 25 anos dão 100% para o *nada necessária*, contrastando com a posição do grupo dos 15 aos 19 anos que dá 50% para *nada* e *pouco* necessária. Significativo e digno de registo o facto de *nenhum rural* faialense pontuar a categoria de *muito necessária*. Os terceirenses são os que mais pontuam aquela categoria: 41 e 41.6% para os dois grupos. Os micalenses dos 20 aos 25 anos são os que mais sentem a *muita necessidade*: 28.3% contra 25.6% do grupo dos 15 aos 19 anos.

Constatar a falta de preparação para o trabalho é importante, mas não sentir necessidade dela, deve constituir motivo de reflexão, sobretudo numa Região que aposta fortemente na «Formação Profissional» e que se debate, seriamente, com a falta de mão-de-obra qualificada.

**d — Entendimento do trabalho.** Diferentemente percentuado por zonas e por grupos de idade o trabalho é por todos entendido como *forma de realização pessoal* e como *contributo para a sociedade*. Os urbanos faialenses são os que mais percentuam o item «fardo a que não se pode fugir» (25%), enquanto os terceirenses são os que mais acentuam «a necessidade do ganha-pão» (36.9%).

Os rurais diferem nesta concepção dos urbanos. Os micalenses, por exemplo, dão prioridade à *realização pessoal*, *ganha-pão* e, em terceiro lugar, *fardo a que não se pode fugir*. Os terceirenses, por seu turno, colocam em primeiro lugar o *ganha-pão* (42.9%), em segundo o *contributo à sociedade* e só em terceiro lugar a *realização pessoal*. Os faialenses, por seu lado, colocam em primeiro lugar o *contributo à sociedade* (71.4%), depois a *realização pessoal* e em terceiro lugar a *necessidade de ganhar o pão*.

Se considerarmos a análise por grupos de idade as diferenças não são muito significativas. Assim, uns e outros dão grande importância ao trabalho como *realização pessoal* colocando em segundo lugar o *contributo à sociedade*. O trabalho entendido como *fardo* é item mais pontuado pelo grupo dos 15 aos 19 anos. O mesmo não se pode dizer dos rurais que, embora dando o 1.º lugar à *realização pessoal*, pontuam também, e significativamente, o *ganha-pão* e o *fardo* a que não se pode fugir. Os rurais faialenses são os que mais o pontuam como *contributo à sociedade* (87.5% para os do 2.º grupo) e como *realização pessoal* (62.5%), e os que menos o entendem como *fardo* (0% para os de 20 a 25 anos).

Podemos dizer que os rurais mais jovens (15-19) dão grande importância ao trabalho como *ganha-pão* (37.9% para os micalenses, 47.4% para os da Terceira e 38.5% para os do Faial). O trabalho como *realização pessoal* é mais pontuado pelos rurais micalenses e menos pelos da Terceira (45.4%, 26.3% e 30.8% para S. Miguel, Terceira e Faial, respectivamente). O *contributo à sociedade* é sobremaneira valorizado pelos jovens rurais faialenses (61.5% contra 32.2% dos terceirenses e 29.8% dos micalenses). Como *fardo* a que não se pode fugir é mais pontuado pelos rurais micalenses (35 e 37.8%, respectivamente para o 1.º e 2.º grupos).

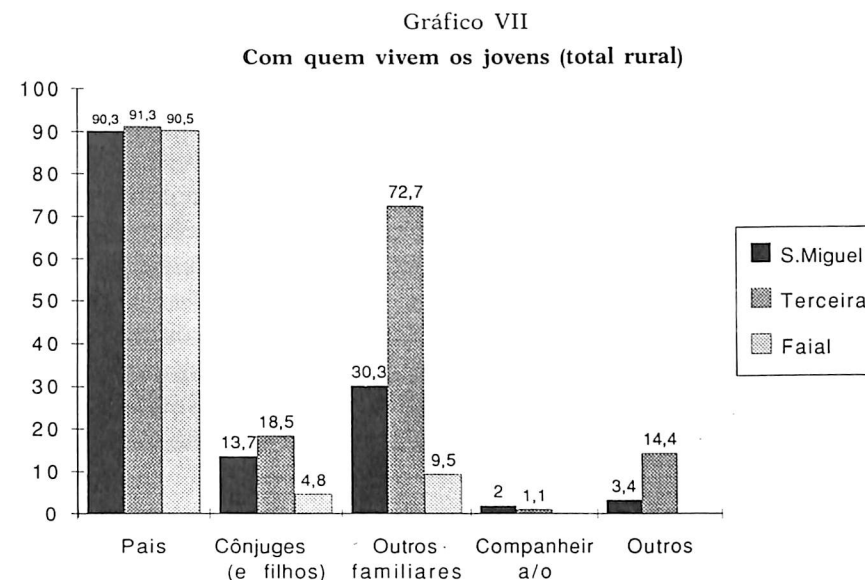
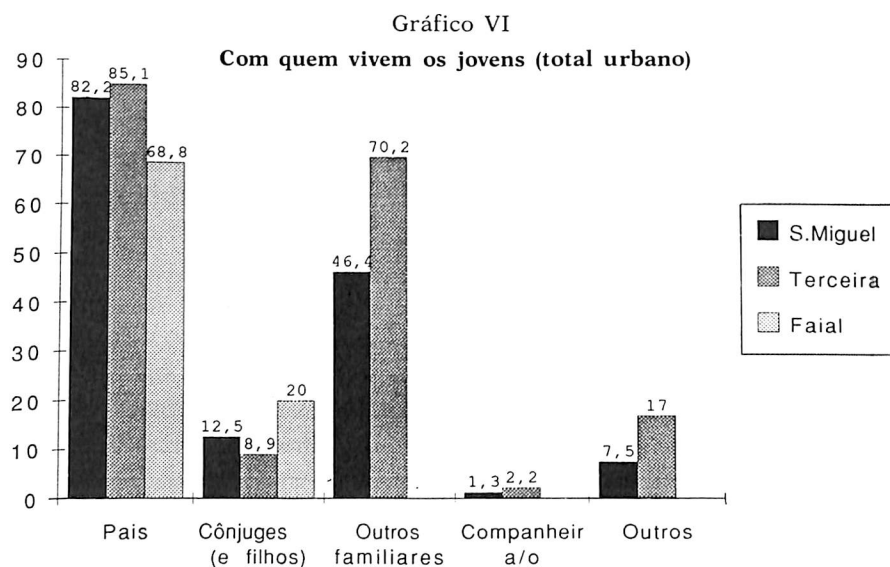
Interessantes estas diferenças percentuais face ao entendimento do trabalho. A sua explicação, porém, não parece fácil.

Os micalenses, sobretudo os rurais, habituados historicamente a trabalhar para «*subsistir*», entendem o trabalho como meio de *realização pessoal*. Os terceirenses, que sempre se diferenciaram dos micalenses, no seu nível de vida e no seu modo de ser e estar em sociedade, entendem o trabalho sobretudo como *ganha-pão* (urbanos e rurais). Os faialenses são os que mais se abrem ao «bem comum», sobretudo os rurais, (trabalho como *contributo à sociedade*) e os que menos vêem nele um *fardo* (0% para os do segundo grupo).

Parece compreensível o facto de os mais jovens enfatizarem o item «*ganha-pão*». Isto porque, ainda em idade de formação,

se trabalham é porque precisam, para equilibrar o orçamento familiar. Aqui os micaelenses ocupam o 1º lugar (47.4%). Mas também são eles que mais entendem o trabalho como realização pessoal (45.4%), o que não acontece com os terceirenses. No Faial, mesmo os mais jovens continuam abertos ao trabalho como contributo à sociedade (61,5).

**e — Habitação.** Apesar de estarmos a tratar de um estrato etário jovem, não deixa de ser importante analisar as diferenças existentes entre urbanos e rurais quanto à *habitação*. A percentagem dos que vivem com os pais é maior nos rurais do que nos urbanos. Mas a coincidência não é uma constante em todos os itens. Assim, se a percentagem dos urbanos que em S. Miguel e na Terceira vivem com outros familiares é maior do que a dos rurais das mesmas ilhas, no Faial verifica-se o contrário: 9.5% rurais e 0% urbanos, e ninguém a viver com companheiro/a, ou partilhando a casa com outros, facto que acontece na Terceira e em S. Miguel, quer nos urbanos quer nos rurais.



Quanto à habitabilidade, rurais e urbanos julgam que as casas onde habitam possuem as condições mínimas. Se críticos há são, sobretudo, os urbanos. E são estes também que, não possuindo casa própria, mais desejam adquiri-la chegando mesmo a atingir os 100% no Faial. O problema é que não será fácil, segundo eles, conseguir essa habitação desejada, sobretudo para os rurais do Faial (100%). A esta posição dos rurais opõem-se os urbanos faialenses que são os mais enfáticos neste sector — 15.4% julga que será fácil para 11% dos urbanos da Terceira e 7.7 dos de S. Miguel.

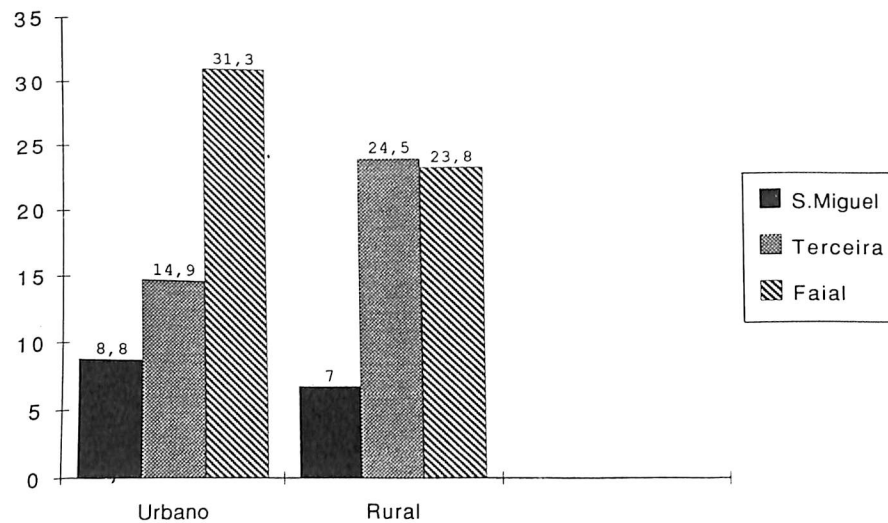
Os jovens dos 20 aos 25 anos, urbanos e rurais, são os que prevêm maior facilidade em adquirir casa própria, exceptuando os do Faial que, como se disse, percentuaram com 100% o item *difícil*

Em resumo parece não haver problema quanto ao estado de habitabilidade das casas. O mesmo não se poderá concluir

quanto ao desejo de vir a possuir casa própria e ao grau de facilidade em consegui-lo. Neste sector são os urbanos os mais «atingidos», facto que não deve causar surpresa, dado o afluxo de rurais para as cidades.

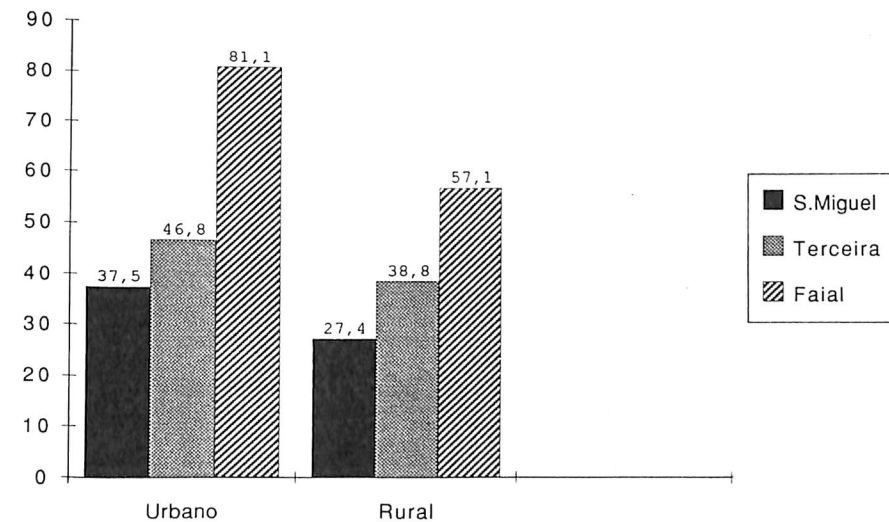
**f — Inserção no meio: Actividades e grupos.** Quanto a este item, participação em actividades no seu meio — os micalenses são os que demonstram menor espírito participativo, tanto no campo como na cidade. Os urbanos faialenses são os mais participativos (31 % *muitas vezes*), enquanto que no campo são os terceirenses (24.5 % na categoria de *muitas vezes*), seguidos de perto pelos faialenses com 23.8 %. A categoria intermédia — *algumas vezes* — foi mais pontuada pelos urbanos do que pelos rurais.

Gráfico VIII  
Participação em actividades do meio na categoria  
de *muitas vezes* (ilhas e zonas)



210

Gráfico IX  
Pertença a grupos, por ilhas e zonas



211

Por grupos de idade, nenhum urbano terceirenses dos 20 aos 25 anos participa *muitas vezes*. Facto que julgamos importante salientar e que aqui fica a merecer reflexão.

O pertencer a grupos ou associações no meio onde vivem é mais significativo nos urbanos do que nos rurais, com forte incidência no Faial (81.3 %), ilha onde a percentual de pertença no campo é também a mais elevada (57 %).

Relativamente a grupos de idade, o Faial continua a diferenciar-se das restantes ilhas, pois a forte pertença é comum a ambos os grupos: (71.4 e 88.9 %, respectivamente). Estas percentagens, não comparáveis às verificadas nos meios urbanos da Terceira e de S. Miguel, continuam significativas no que se refere ao campo, onde são também os faialenses que

pertencem a grupos e a associações em maior peso percentual (61.5 e 50% para os dois grupos)<sup>7</sup>.

**g — Motivos da não participação.** Quanto aos *motivos da não participação* em actividades do meio encontramos algumas diferenças significativas. Assim, os urbanos de S. Miguel e da Terceira apontam como principal motivo o *não se sentirem obrigados a isso* (42 e 36% respectivamente), enquanto o primeiro motivo dos faialenses é o *nunca terem sido convidados a isso* (49.8). Apenas os urbanos micalenses aduzem como motivo da não participação o *não simpatizarem com as pessoas* (4%). Embora a percentagem seja pouco significativa julgo importante mencioná-lo por serem os únicos a referir tal motivo.

Outro item interessante é o que se refere a *não se sentirem preparados*. Nenhum urbano faialense aduz tal motivo, enquanto micalenses e terceirenses o pontuam com 12 e 21.5% respectivamente.

Quanto aos *rurais* as diferenças são ainda mais significativas. Enquanto micalenses e terceirenses se juntam novamente aduzindo como motivo principal o *não se sentirem obrigados a tal*, os faialenses continuam a aduzir como motivo o *nunca terem sido convidados* (66.7%). Esta percentagem é a mais elevada em todos os itens e em todos os meios. Os rurais micalenses são os que menos se sentem preparados (13.5% para 3.4 da Terceira), e os que mais se incompatibilizam com as pessoas. Os terceirenses demonstram, também, alguma *falta de convite* (26.7%).

**h — Intensidade de participação.** O modo como participam é bastante activo, tanto na cidade como no campo. Enquanto

<sup>7</sup> Se correlacionarmos as habilitações literárias desejadas com a *participação*, parece que as aspirações são mais pronunciadas na linha do **ter mais** do que na do **ser mais participativo**. Os que aspiram a habilitações mais elevadas, são de longe, os menos participativos: 42,3%. O mesmo se verifica quanto a grupos ou associações, onde 43% dos que aspiram ao curso superior *não* pertencem a nenhum grupo.

os urbanos micalenses são os que participam *mais activamente* (66.6%), no campo são os faialenses (72.7%). Assim sendo, a qualidade da participação parece sobrepor-se à quantidade da mesma.

Numa caracterização por ilha, o Faial continuaria a diferenciar-se das outras duas, igualando-se a si própria: só não participam *por não serem convidados*. Mas sentem-se preparados para o efeito, não demonstrando incompatibilidade com as pessoas. Um modo seu de se colocarem e relacionarem na sociedade. O que, aliás, já aconteceu com o entendimento sobre o trabalho.

Que os rurais micalenses se julguem os menos preparados poderá estar relacionado com a alta taxa de analfabetismo que, não há muitas décadas, caracterizava a ilha de S. Miguel.

Animadora é, no entanto, a intensidade com que participam, denotando, parece-nos, uma pertença de opção e não de imposição.

Gráfico X  
Intensidade de participação — Total urbano (por ilhas)

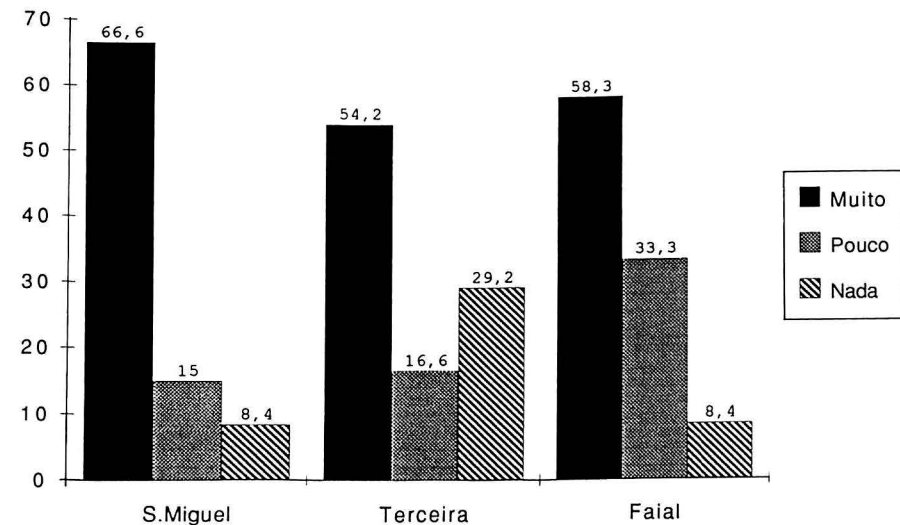
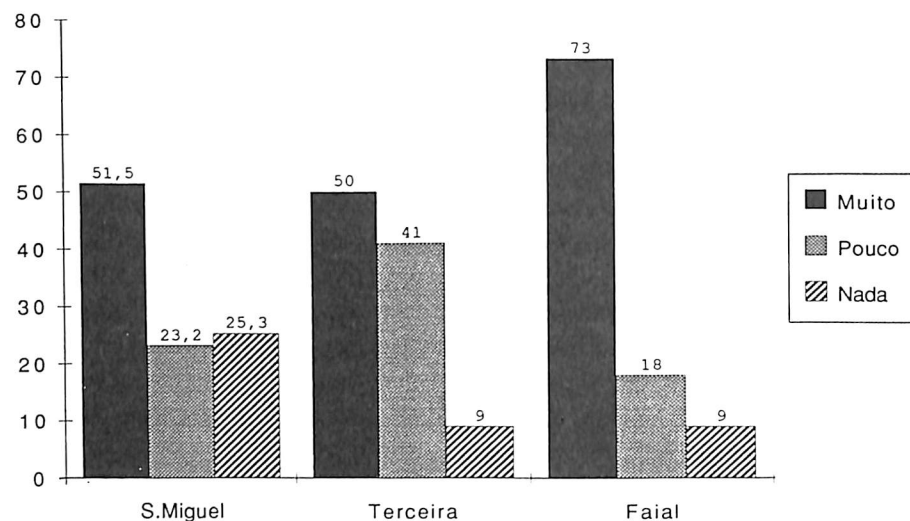


Gráfico XI  
Intensidade de participação — Total rural (por ilhas)



**i — Imagem da Juventude.** Analisando o grau de acordo ou desacordo, manifestado face a afirmações contraditórias acerca da juventude, podemos ter uma ideia da imagem que fazem da juventude actual.

Embora algo coincidentes nas categorias extremas (*nada e muito de acordo*) as percentagens diferem. Analisaremos em primeiro lugar as afirmações «desfavoráveis» e, depois, as «favoráveis» para podermos detectar qual a imagem predominante.

Que «*os jovens de hoje são iguais aos de outrora*» é afirmação que merece o desacordo de urbanos e rurais. Mas estes últimos parecem mais convencidos do contrário, isto é, que os jovens de hoje *não são iguais* aos de outrora. Basta verificar as percentagens que uns e outros atribuem à categoria *nada de acordo*: urbanos — 62, 57 e 75% para S. Miguel, Terceira e Faial; 68, 69 e 81% para os rurais das mesmas

ilhas. Os faialenses urbanos e, sobretudo os rurais, são os que estão mais em desacordo com a afirmação. Posição semelhante, aliás, encontramos nos jovens desta ilha em relação a outras afirmações.

O desacordo com as afirmações «desfavoráveis» é constante. Que «os jovens de hoje não sabem o que querem», ou «que querem é boa vida» merecem o *desacordo* dos entrevistados com percentagens bem significativas, sobretudo nos rurais em que chegam a atingir os 85.7% no Faial, quanto à afirmação que *os jovens querem é boa vida*.

Pela análise das percentagens atribuídas ao desacordo com as afirmações «desfavoráveis» parece poder inferir-se que os jovens do Faial, urbanos e rurais, são os que têm uma imagem menos negativa da juventude de hoje. Isto mesmo se confirma pelas percentagens atribuídas à categoria *muito de acordo* com as afirmações «favoráveis»: os jovens de hoje são *sinceros, sensíveis à justiça, generosos*. Apenas uma excepção, como que a confirmar a regra, a que se refere à afirmação «são sinceros», que foi mais pontuada pelos micaelenses e terceirenses, quer urbanos quer rurais.

Quadro 1  
Imagem da juventude — % total dos urbanos (por ilhas)

Na categoria de MUITO DE ACORDO	S. Miguel	Terceira	Faial
1 — «Os jovens não sabem o que querem»	9.8	8.5	12.5
2 — «Os jovens de hoje são iguais aos de outrora	15.2	10.6	0.0
3 — «Os jovens de hoje o que querem é boa vida»	16.3	31.9	6.3
4 — «Os jovens de hoje estão perdidos»	1.1	6.4	6.3
5 — «Os jovens de hoje são sinceros»	40.2	31.9	25.0
6 — «Os jovens de hoje são sensíveis à justiça»	56.5	44.7	56.3
7 — «Os jovens de hoje são generosos»	30.4	21.3	31.3
8 — «Os jovens de hoje não pensam no futuro»	17.4	8.5	6.3

Quadro 2  
Imagem da juventude — % total dos rurais (por ilhas)

Na categoria de MUITO DE ACORDO	S. Miguel	Terceira	Faial
1 — «Os jovens não sabem o que querem»	8.4	18.4	14.3
2 — «Os jovens de hoje são iguais aos de outrora»	5.9	8.7	4.8
3 — «Os jovens de hoje o que querem é boa vida»	24.8	28.2	4.8
4 — «Os jovens de hoje estão perdidos»	9.8	10.7	4.8
5 — «Os jovens de hoje são sinceros»	34.3	29.1	28.6
6 — «Os jovens de hoje são sensíveis à justiça»	45.1	34.0	66.7
7 — «Os jovens de hoje são generosos»	34.6	35.9	33.3
8 — «Os jovens de hoje não pensam no futuro»	13.6	30.1	0.0

**j** — *Avaliação da gravidade de situações.* Face a um conjunto de situações que teriam de considerar como *nada*, *pouco* ou *muito* graves, as opiniões expressas dão-nos a imagem da posição assumida pelos jovens.

Quanto aos urbanos, os terceirenses são os que demonstram maior «rigorismo» na avaliação que fazem das situações, chegando mesmo a pontuar com 100% o tráfico de droga. Enquanto isto, os urbanos micaelenses apresentam-se como os menos rigorosos, sobretudo quanto a relações pré-matrimoniais (8.7%), divórcio (30.4%), e esbanjamento de salário (47.8%), percentagens muito inferiores às dos restantes urbanos na categoria de *muito grave*. Os urbanos do Faial apenas não são «rigorosos» quanto a relações extra-conjugais (37,5% para 66 e 68% dos micaelenses e terceirenses).

Quadro 3  
Avaliação dos urbanos na categoria de MUITO GRAVE (% por ilhas)

Na categoria de MUITO GRAVE	S. Miguel	Terceira	Faial
1 — Suicídio	92.4	91.5	93.8
2 — Aborto	59.8	83.0	81.3
3 — Relações pré-matrimoniais	8.7	40.4	31.3
4 — Divórcio	30.4	66.0	62.5
5 — Relações extra-conjugais	66.3	68.1	37.5
6 — Prostituição	93.5	91.5	93.8
7 — Homossexualidade	67.4	76.6	87.5
8 — Fuga aos impostos	35.9	59.6	31.3
9 — Exploração dos trabalhadores	89.1	95.7	93.8
10 — Uso de droga	87.0	95.7	81.3
11 — Tráfico de droga	96.7	100.0	93.8
12 — Roubo	95.7	97.6	93.8
13 — Abuso do álcool	78.3	95.7	75.0
14 — Negligência no trabalho prestado	66.3	74.5	87.5
15 — Esbanjar o salário	47.8	80.9	75.0

Os rurais do Faial não penalizam tanto as relações pré-matrimoniais (9.5% para 25 e 33% de S. Miguel e Terceira), a fuga aos impostos (19% para 51 dos micaelenses e 61 dos terceirenses). Mas são eles, no entanto, os que atribuem maior gravidade (100%) ao suicídio, à prostituição e ao roubo, e são ainda eles que mais percentuam o aborto, abuso do álcool, a negligência no trabalho prestado e o esbanjamento de salário.

Quadro 4  
Avaliação dos rurais na categoria de MUITO GRAVE (% por ilhas)

Na categoria de MUITO GRAVE	S. Miguel	Terceira	Faial
1 — Suicídio	91.3	81.6	100.0
2 — Aborto	53.8	80.6	90.5
3 — Relações pré-matrimoniais	24.8	33.0	9.5
4 — Divórcio	33.6	64.1	61.9
5 — Relações extra-conjugais	67.1	68.0	47.6
6 — Prostituição	82.5	88.3	100.0
7 — Homossexualidade	65.4	80.6	85.7
8 — Fuga aos impostos	51.0	61.2	19.0
9 — Exploração dos trabalhadores	89.9	88.3	85.7
10 — Uso de droga	94.4	97.1	85.7
11 — Tráfico de droga	96.9	97.1	90.5
12 — Roubo	94.1	92.2	100.0
13 — Abuso do álcool	88.5	88.3	90.5
14 — Negligência no trabalho prestado	64.0	70.9	90.5
15 — Esbanjar o salário	64.3	79.6	85.7

De um modo geral, os urbanos de S. Miguel são os que menos percentuam situações contra a moral familiar (relações pré-matrimoniais, divórcio, esbanjamento do salário e o aborto), com algumas diferenças nos grupos de idade.

Os terceirenses são mais rigorosos em quase todas as situações, com peso significativo no grupo dos 20 aos 25 anos, enquanto os faialenses, sem cair no fácil, ficam-se pelo meio termo com diferenças percentuais entre os grupos.

Os rurais micalenses têm opinião idêntica à dos urbanos quanto às situações relativas à «moral familiar». Assim, pontuam menos o divórcio, a prostituição, o esbanjamento do salário, etc.

Os do Faial, se exceptuarmos as relações pré-matrimoniais (9.5%) e extra conjugais (47.6%), e a fuga aos impostos (19%), são bastante rigorosos nas restantes situações.

Os terceirenses, são os que mais percentuam na categoria de muito grave, o conjunto das situações. Todos, porém, com diferenças percentuais por grupos de idade.

1 — *Tempos livres*. Quanto ao modo como ocupam os seus *tempos livres* encontramos algumas diferenças percentuais na categoria de *muita frequência*.

Os urbanos mais jovens pontuam significativamente ouvir música rádio/cassete (88.9%), a praia (83.8%), ouvir rádio (72.7%), ver televisão (71.7%) e a vida em família (68.7%). Os do segundo grupo, coincidentes nas mesmas actividades, divergem, no entanto, no peso percentual.

As actividades que exigem maior criatividade, empenhamento e algum espírito de sacrifício, não foram muito pontuadas. As reuniões culturais, por exemplo, não ultrapassaram os 4 e 5%; fazer teatro (incluindo ensaios) 4 e 2%; pintar e desenhar 19 e 10.7%. A actividade de escrever contos, poemas ou artigos é mais percentuada pelo 1º grupo (12%) do que pelo 2º (3.6%). Participar com outros amigos em actividades úteis ao meio obteve percentagens relativamente elevadas (20 e 18%, respectivamente).

Para os rurais mais novos, a actividade de ouvir música rádio/cassete foi a mais percentuada (86.2%), logo seguida de ouvir rádio (76.6%) e a vida em família (76.3%). Os jovens dos 20 aos 25 anos colocam em primeiro lugar a vida em família e o ouvir música rádio/cassete com 73%, seguindo-se o ouvir rádio e ver televisão com 62 e 60%, respectivamente. Sair com os amigos é mais frequente nos urbanos do que nos rurais (urbanos 70.7 e 60.7% para 52.5 e 51.5% nos rurais). Participar com outros em actividades úteis à sociedade é, ao invés, mais pontuado nos rurais do 2º grupo (urbanos 20 e 18%; rurais 20.5 e 23%).

## 2. Aspirações

Depois da caracterização dos urbanos e rurais das ilhas em estudo, vamos analisar as respostas expressas dos jovens acerca das suas aspirações, desejos e ambições.

Ao falar em aspirações, entendemo-las como uma certa antecipação dos acontecimentos futuros com base na experiência passada do indivíduo e dos estímulos que tem no presente. Elas surgem da imagem que o indivíduo tem do mundo. Esta «imagem», por sua vez, é produto de algumas determinantes: o ambiente físico e social do indivíduo; as suas necessidades e fins; as suas experiências passadas.

Assim, podemos dizer que as aspirações, desejos, ambições, sendo um facto cognoscitivo fundado numa relação de tipo «causa-efeito», coenvolvem outras componentes. A existência de aspirações, ou se preferirmos, de expectativas, é importante quer para a compreensão da relação inter-pessoal, quer para a análise das inter-relações presentes no social mais amplo, entendido este como um sistema de «papéis» mais ou menos institucionalizados.

Nesta abordagem privilegiamos sobretudo a relação das aspirações com o «eu» (*peçoais*), embora não esquecendo as previsões em relação com os «outros» (*geral e da freguesia*).

a — *Habilitações desejadas*. No que se refere a *aspirações quanto à instrução*, os «mais pobres» são os que mais se contentam com o pouco. Nos rurais da Terceira alguns ainda aspiram a ler e a escrever (1.4%) e a possuir a 4.<sup>a</sup> classe (4%), que também é desejada pelos rurais micalenses (1.0%). Os rurais faialenses só aspiram instrução a partir da 6.<sup>a</sup> classe (21%) em percentagem que só será ultrapassada pelos que aspiram possuir o 12.<sup>o</sup> ano (58%). Os rurais micalenses parecem os mais expressivos, pois as percentagens por eles atribuídas ao ensino superior são significativamente mais elevadas do que as dos rurais da Terceira e do Faial: 46.8, 23 e 10.5%, respectivamente.

Gráfico XII  
Habilitações desejadas (total urbano)

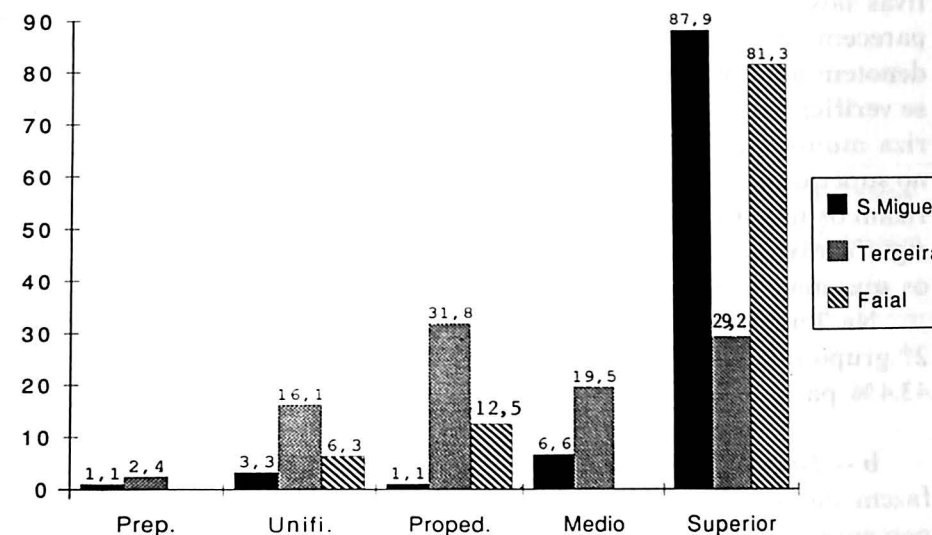
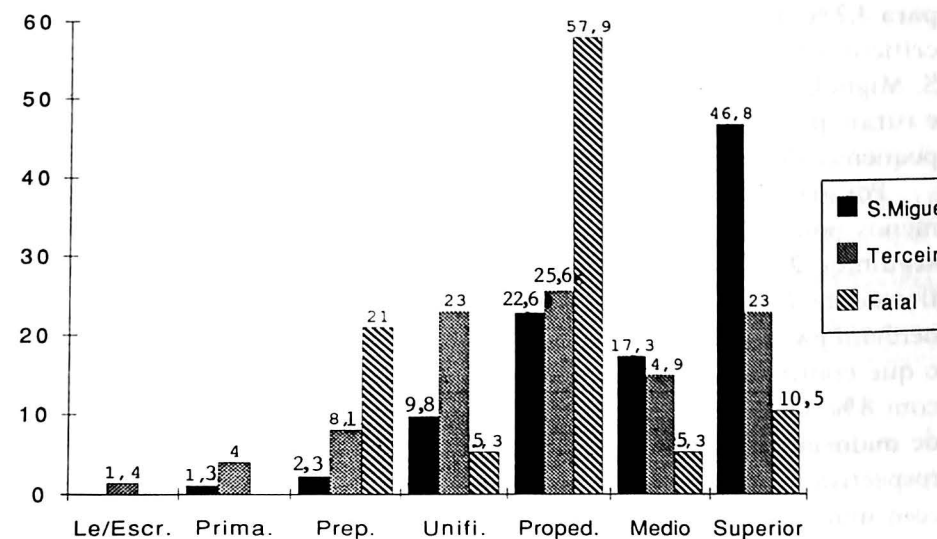


Gráfico XIII  
Habilitações desejadas (total rural)



Quanto à análise dos rurais por grupos de idade as percentagens dos faialenses que aspiram ao 12.º ano são significativas nos dois grupos (58.3 e 57%). Os mais novos do Faial parecem os *menos motivados* ao ensino superior, embora denotem alguma aspiração ao curso médio. O mesmo já não se verifica no grupo dos 20 aos 25 anos. Este, com efeito, valoriza muito o 12.º ano mas parece ser como *meio* de entrada no superior a que aspiram 14.3%. Em S. Miguel, os rurais valorizam os níveis altos de instrução com percentagens bastante significativas nos dois grupos. São, no entanto, os mais novos os que mais aspiram ao curso superior (49 para 43%).

Na Terceira acontece um pouco o inverso. Ali são os do 2.º grupo que mais desejam o curso médio e superior: 17 e 43.4% para 13.4 e 17.8% do 1.º grupo.

**b — Satisfação das aspirações.** Relativamente à ideia que fazem da *satisfação das aspirações dos jovens, em geral*, as percentagens diferem nos rurais e urbanos de ilha para ilha.

Na categoria de **maioria** são mais vincados os urbanos da Terceira e os do Faial (14.9 e 6.3%), enquanto em S. Miguel são os rurais os que mais percentuam aquela categoria (16.8 para 4.3% dos urbanos). Na categoria de **nenhumas**, os mais críticos são os rurais do Faial com 14.3% seguidos dos de S. Miguel, com 10.8% e dos da Terceira com 5.8%. Urbanos e rurais preferiram a categoria intermédia — **algumas** — com pequenas diferenças entre as zonas de cada ilha.

Por grupos de idade, os urbanos do 2.º grupo foram os que menos pontuaram a categoria **maioria**, com as percentagens seguintes, 2.6, 11 e 0% para S. Miguel, Terceira e Faial respectivamente. Os terceirenses são mesmo de opinião que não há nenhum jovem que não veja satisfeitas as suas aspirações (0%), o que contrasta com os do Faial com 11% e os de S. Miguel com 8%. O 1.º grupo foi o que mais percentuou a categoria de **maioria**: 5.6, 15.8 e 14.3% para S. Miguel, Terceira e Faial respectivamente. Uma vez mais foram os terceirenses a pontuar com maior peso a satisfação da maioria das aspirações dos

Gráfico XIV  
Satisfação da maioria das aspirações (urbanos)

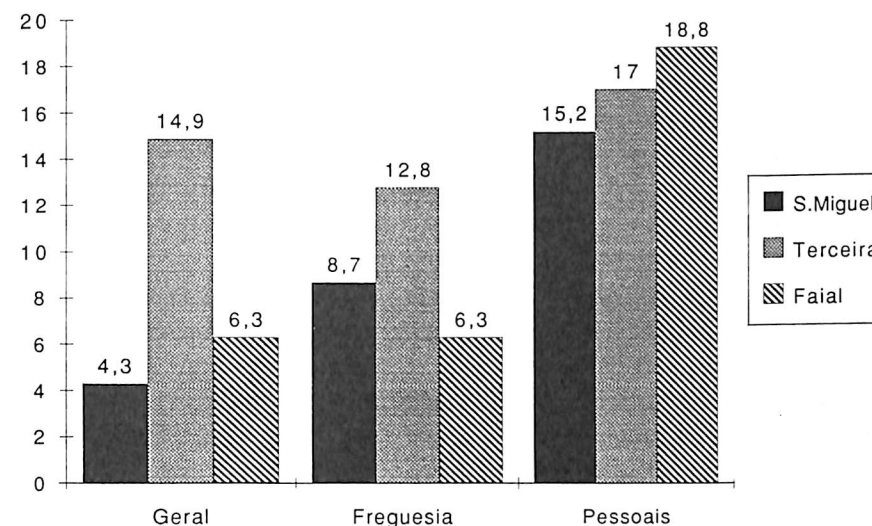
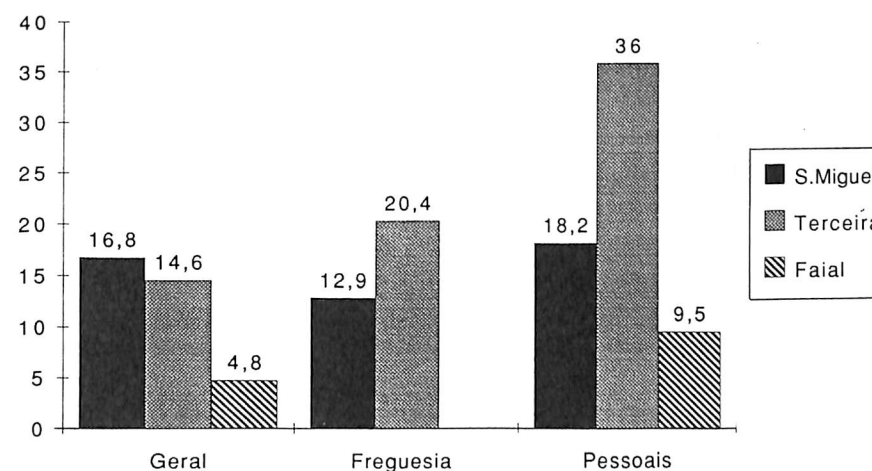


Gráfico XV  
Satisfação da maioria das aspirações (rurais)



jovens em geral. Posição que não é partilhada pelos urbanos das outras ilhas.

Nos rurais, os do 2º grupo são os que mais percentuam a categoria de **maioria**: 18.4, 15.4 e 13.5% para S. Miguel, Terceira e Faial respectivamente. Os faialenses deste grupo são mesmo de opinião que não há nenhum jovem que não veja nenhum das suas aspirações satisfeitas (0%). Podemos, pois, dizer que os rurais do Faial mais jovens (15 a 19 anos) são os que mais enfatizam a categoria de **nenhumas** (23%) com 0% para a de maioria.

Passando à *satisfação da maioria das aspirações dos jovens da sua freguesia*, as percentagens sofrem alterações significativas.

Os urbanos micalenses aumentam os 4.3% do geral para 8.7%. Os terceirenses descem de 14.9 para 12.8 e os faialenses mantêm a sua opinião nos 6.3%.

Na categoria de **nenhuma** também se alteram as posições antes assumidas. Os urbanos micalenses e terceirenses aumentam as percentagens de 13 para 16% e de 6.4 para 15%, enquanto os faialenses mantêm os seus 12.5%, dando a entender que a posição assumida quanto à satisfação das aspirações dos jovens em geral não sofre alterações quanto às dos jovens da freguesia.

Os rurais micalenses e faialenses baixam agora as percentagens anteriores, passando na categoria **maioria** de 16.8 para 12.9% e de 4.8 para 0%, respectivamente.

Os terceirenses, ao contrário, aumentam o seu percentual passando de 14.6 para 20.4% na mesma categoria, como se pode ver nos gráficos anteriores.

Por grupos de idade os *urbanos* mais críticos são os dos 20 aos 25 anos. E a sua posição é tão drástica que tanto os terceirenses como os faialenses chegam mesmo à percentagem nula para a categoria de **maioria** — 0%, para 5.3% dos micalenses. Posição que contrasta com a do grupo mais jovem que pontua a mesma categoria com 11% em S. Miguel, 15.8% na Terceira e 14.3% no Faial.

Quanto aos *rurais*, os faialenses mantendo a sua posição anterior —0% para a categoria de **maioria**— diferem de terceirenses e micalenses que percentuam nos dois grupos aquela categoria (12.8 e 13.2% para S. Miguel e 20.3 e 20.5% para a Terceira). Pelas percentagens atribuídas, os rurais terceirenses, parecem mais convictos da satisfação da *maioria* das aspirações dos jovens da sua freguesia e os faialenses os menos convencidos (0%). Os rurais de S. Miguel, embora percentuando menos que os terceirenses, distanciam-se da posição assumida pelos faialenses.

Passando à *satisfação das aspirações pessoais* o quadro apresenta-se-nos com outras cores. As percentagens nos urbanos sobem na categoria de **maioria** em todas as ilhas — de 8.7 para 15.5% em S. Miguel, de 12.8 para 17% na Terceira e de 6.3 para 18.8% no Faial. Apenas os urbanos faialenses não fizeram descer a percentagem na categoria de **nenhumas**, denotando ainda agora, alguma insatisfação: S. Miguel desceu de 16.3 para 9.8%; a Terceira de 15 para 6.5% e só o Faial aumentou nesta categoria passando de 12.5 para 18.8%.

Por grupos de idade, é digno de registo a grande alteração observada no 1º grupo na ilha do Faial que passa de 14.3% na categoria de **maioria** (freguesia) para 43% nas pessoais. Os terceirenses deste grupo mantêm os 15.8%, enquanto os micalenses sobem de 11 para 13%.

No 2º grupo também se observam algumas alterações. Os micalenses sobem de 5.3 para 18.4%; os terceirenses de 0% passam para 22% e os faialenses mantêm a mesma posição: 0%.

Não há dúvidas de que os urbanos faialenses dos 20 aos 25 anos não vêem perspectivas de satisfação pessoal e, pelos dados, parecem revelar uma certa «solidariedade» com os jovens da freguesia.

Quanto aos grupos de idade dos *rurais* são notórias as alterações verificadas. No 1º, os faialenses mantêm o 0% na categoria de **maioria** (igual aos urbanos do 2º grupo), enquanto micalenses e terceirenses sobem a percentagem para a satis-

fação das aspirações pessoais — de 13 para 17 % em S. Miguel e de 20 para 34 % na Terceira.

Na categoria de **nenhumas** apenas notamos descida nos rurais micaelenses — 14.5 para 13 %.

No 2º grupo (20-25), os faialenses rurais mudam de opinião, passando do 0 % na categoria de **maioria** dos jovens da freguesia para 25 % das pessoais. Alteração parecida notamos na Terceira onde se passa de 20.5 para 38.5 %. Em S. Miguel a alteração é menos significativa, não deixando, no entanto, de se verificar — de 13 para 20 %.

Pelas percentagens verificadas parece não restarem dúvidas de que os do 2º grupo demonstram maior *satisfação pessoal*, sobretudo os rurais faialenses que revelam sentir-se pessoalmente muito *mais* favorecidos que os jovens do seu meio, facto que contrasta significativamente com a opinião dos urbanos do mesmo grupo (0 % para maioria da freguesia e pessoais).

Resumindo: parece poder inferir-se que fica reforçada a hipótese inicial. Isto é, grande parte das aspirações manifestas dos jovens não encontram, geralmente, satisfação adequada no meio onde vivem.

No entanto, não encontramos homogeneidade, nem entre as ilhas, nem nas zonas, nem nos grupos de idade.

Por ilha são os terceirenses que melhor se posicionam quanto à satisfação da maioria das aspirações pessoais (53 %), seguidos dos micaelenses (33.4 %) e, por último, dos faialenses (27.3 %).

Por zonas são os rurais que, cumulativamente, estão mais satisfeitos: 62.7 para 51 % dos urbanos. Convém no entanto frisar que, nos rurais, são grandes as disparidades entre ilhas, facto que não se verificou quanto aos urbanos.

Por grupos de idade, a diferença entre os dois não é significativa: 1.3 % apenas <sup>8</sup>.

**c — Sentir-se bem onde vivem e gosto pela mudança.** Se, como vimos, grande parte das aspirações pessoais não são satisfeitas, é provável que os jovens sintam alguma desmotivação e uma inadaptação à situação vivida, o que poderá favorecer o gosto pela mudança de lugar, como forma de maior realização das suas aspirações.

Os terceirenses são os que melhor se sentem no lugar onde vivem (87 % urbanos e 94 % dos rurais) e os que menos gostariam de mudar: 38.7 % urbanos e 28 % rurais. Os micaelenses, embora na grande maioria se sintam bem no lugar onde vivem (79 % urbanos e 75 % rurais), também gostariam de mudar (44 % urbanos e 61 % rurais). Os faialenses, igualmente satisfeitos com o lugar onde vivem (75 % e 76 % para urbanos e rurais), são, no entanto, os que mais desejam mudar, sobretudo os rurais (68.8 % urbanos e 76.2 % rurais). O peso significativo destas percentagens deverá constituir matéria de reflexão. E a reflexão deverá ser tanto mais séria se relacionadas com as percentagens anteriores relativas à «não» satisfação da maioria das aspirações dos jovens da freguesia e das próprias <sup>9</sup>. — Ver gráficos XVI e XVII.

<sup>8</sup> No cômputo geral da amostra a relação existente entre habilitações literárias e satisfação das aspirações era significativa. Os que aspiravam ao curso complementar ou ao superior apresentavam percentagens mais elevadas na categoria de **nenhumas** aspirações satisfeitas (49 % superior e 24 % para o complementar).

Nota-se, pois, uma relação entre habilitações desejadas e grau de satisfação: maiores habilitações — menor satisfação; menores habilitações — maior realização.

<sup>9</sup> Ao nível global da amostra os que responderam que gostariam de mudar de lugar, 69 % consideram satisfeitas **algumas** das aspirações pessoais; 15 % a **maioria** e 16 % **nenhumas**.

Quanto à relação entre habilitações desejadas e desejo de mudar de lugar, parece existir um certo «inconformismo» entre os jovens, porque a maior percentagem recai precisamente nos que aspiram a habilitações mais elevadas: 24.6 % complementar e 45 % superior.

Gráfico XVI  
Sentir-se bem e gostar de mudar (total urbano)

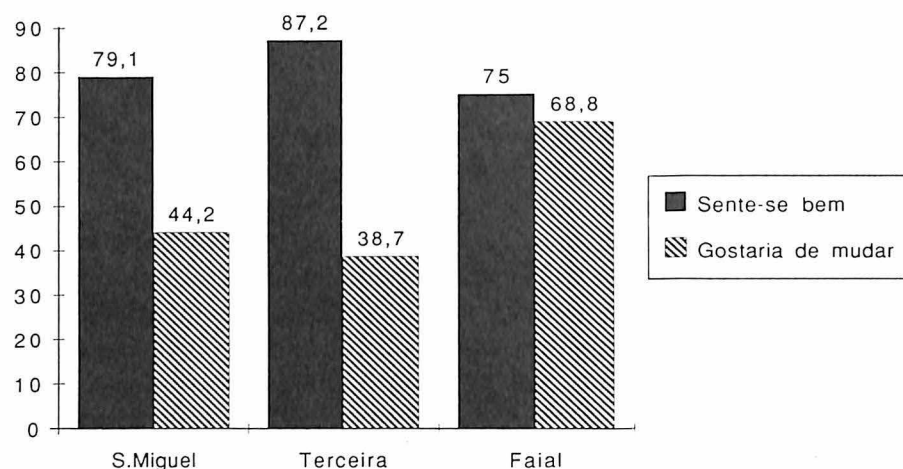
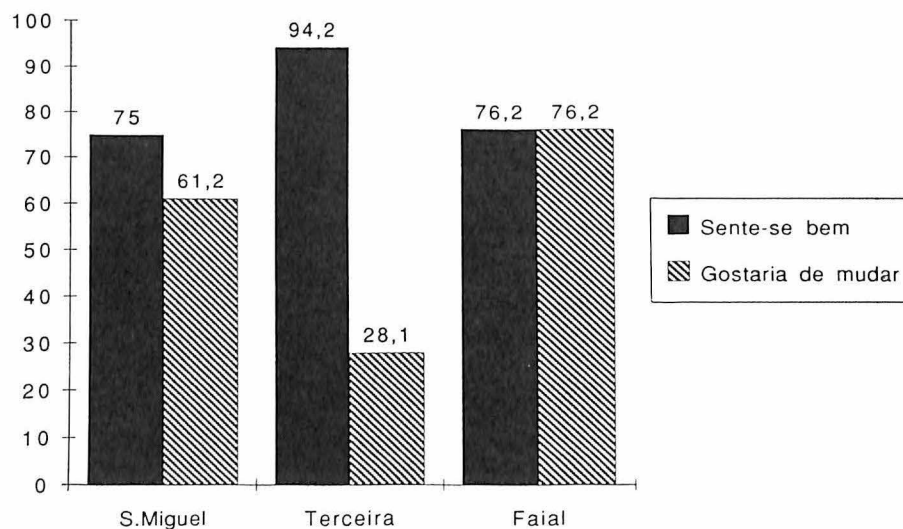


Gráfico XVII  
Sentir-se bem e gostar de mudar (total rural)



Por grupos de idade, os urbanos do 1.º grupo (15-19 anos) são os que, no geral, melhor se sentem no lugar onde vivem (81, 89 e 85,7 % para S. Miguel, Terceira e Faial, respectivamente). Excepção deve ser feita apenas para os rurais terceirenses que com 92,2 % ultrapassam todas as percentagens dos urbanos e dos rurais deste grupo.

Os que mais desejam mudar, quer no 1.º, quer no 2.º grupo, são os jovens faialenses (71,4 % e 66,7 %, respectivamente).

Enquanto no 1.º grupo são os terceirenses que *menos* gostariam de mudar de lugar (37 % para 45 % dos micalenses), no 2.º grupo são os micalenses (43 % para 44 % dos terceirenses).

Nos *rurais*, os terceirenses mais jovens são, de longe, os que melhor se sentem no lugar onde vivem (92 % para 77 % dos micalenses e 69 % dos faialenses). E são também os que menos gostariam de mudar (34 % para 57 % dos micalenses e 84,6 % dos faialenses).

No grupo dos 20 aos 25 anos continua a manter-se a mesma ordem: os terceirenses a sentir-se bem (97,4 %) e a não querer mudar (19 % apenas gostariam); os micalenses a gostar do local onde vivem (72 %) mas a quererem mudar em grande percentagem (65,5 %); e os faialenses a alterar a posição do 1.º grupo 87,5 a sentir-se bem e 62,5 % a querer mudar.

Não há dúvida de que nos rurais quem melhor se sente no lugar onde vive são os terceirenses e quem mais desejaria mudar são os jovens do Faial, em percentagem muito elevada — 84,6 %.

**d — Local preferido de mudança.** É dado que, embora com peso percentual diferente, a vontade de mudar foi comum, qual o local preferido de mudança? Neste item as opiniões são divergentes, coincidindo apenas quanto ao *estrangeiro*. De facto, tanto urbanos como rurais pontuam-no significativamente: os urbanos micalenses com 39,4, os terceirenses com 29,4 e os do Faial com 72,7 %. Os rurais, ainda enfatizam mais o estrangeiro como «eutopos» de mudança: 62, 61 e 94 % respectivamente para micalenses, terceirenses e faialenses. (Ver gráficos XVIII e XIX).

Gráfico XVIII  
Local preferido de mudança (total urbano)

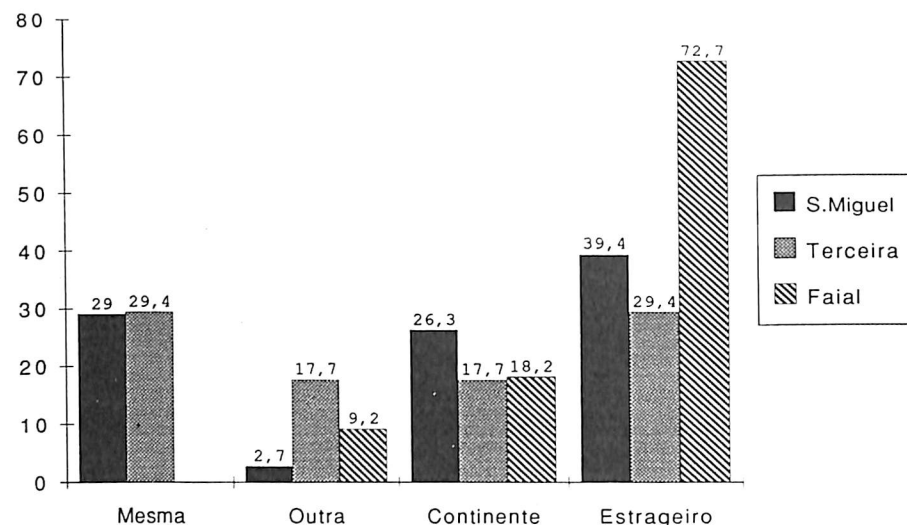
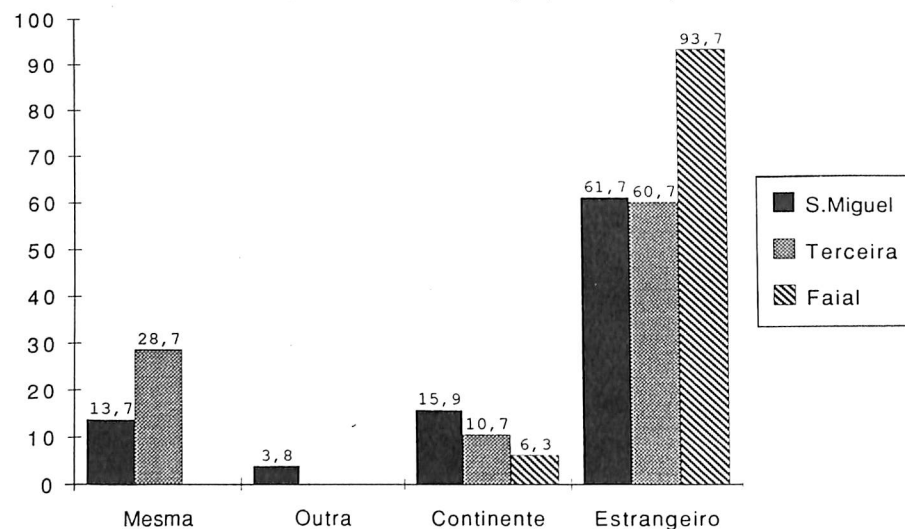


Gráfico XIX  
Local preferido de mudança (total rural)



Quanto aos *outros locais* possíveis, os urbanos micalenses e terceirenses optam por *outro local da mesma ilha* com 29% cada, enquanto no Faial, nem urbanos nem rurais percentuam este item, o que é realmente significativo.

A escolha de *outra ilha* é opção pouco percentuada pelos micalenses (2.7%), um pouco mais pelos faialenses (9.2%) e mais significativamente pelos terceirenses (17.7%). O *continente* é opção apontada por todos os urbanos: 26, 17.7 e 18% respectivamente para S. Miguel, Terceira e Faial.

Estas percentagens são bem diferentes das verificadas nos *rurais*. Os da Terceira e do Faial não escolheriam outras ilhas, enquanto os de S. Miguel admitem esta hipótese (3.8%). Embora todos os rurais percentuem o *continente*, o peso percentual é bem diferente entre os rurais: 16% para os de S. Miguel, 10.7% para os da Terceira e apenas 6.3% para os do Faial. O *estrangeiro*, como já dissemos, é o local mais percentuado: 61, 60 e 93%, respectivamente.

A análise por grupos de idade apresenta algumas novidades dignas de registo. Assim, os faialenses mais jovens apenas antevêm como locais possíveis o *continente* (20%) e o *estrangeiro* (80%), contrastando com os elementos do 2º grupo que pontuam também, e com igual peso, *outras ilhas* e *continente* (16.7% cada). Outra alteração é a que se refere aos urbanos micalenses que, tendo percentuado todos os locais possíveis de mudança, agora nos revelam que tal opinião se referia apenas aos mais jovens já que os outros não escolheriam *outra ilha*.

Também não deixa de ser significativo o facto de os urbanos terceirenses do 2º grupo não percentuarem o estrangeiro.

Nos grupos de idade dos *rurais* sobressai, de imediato, a posição dos faialenses do 2º grupo que apenas percentua o *estrangeiro* (100%), quase igualados pelos mais jovens com 91%. Os micalenses continuam a pontuar todos os locais, embora os do 2º grupo se inclinem mais pelo estrangeiro (67%) do que os do primeiro (57%). Posição inversa é a dos tercei-

renses (63.3% e 55.4% para os do 1º e 2º grupos, respectivamente).

Resumindo podemos dizer que, de facto, a hipótese continua a reforçar-se: são muitos os que desejam mudar de lugar. O gosto pela mudança, porém, não parece significar menor grau de identidade, ou de fidelidade, à sua terra (ilha) de origem, sobretudo para os jovens terceirenses. Os jovens do Faial, pela grande apetência demonstrada à mudança, constituem um caso-limite, mormente no que se refere aos rurais.

As hipóteses levantadas por Idalina Conde não são aplicáveis aos dados em análise. O universo simbólico do ilhéu é diferente do continental. Assim, não podemos pensar estar perante a reafirmação, por parte dos jovens em análise, de uma vocação e identidade regionalista (ilha), social e familiarmente herdadas, sendo a ilha o horizonte conhecido e, portanto, o mais valorizado. Isto não obstante ser significativo o peso percentual dos que afirmam sentir-se bem no lugar onde vivem, quer urbanos quer rurais.

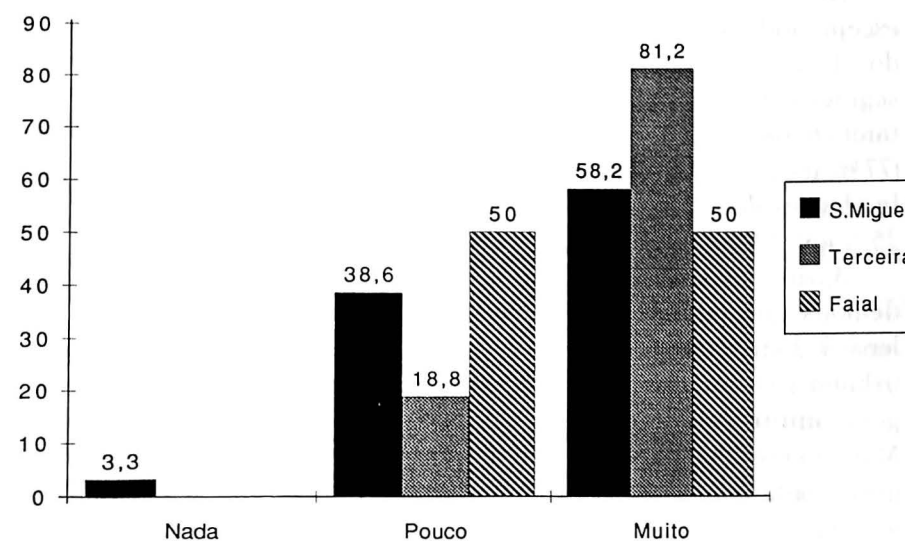
Uma segunda hipótese da autora em referência parece ter maior acuidade. De facto, é notório que a abertura a valores de ordem mais ampla, a aspiração a uma maior realização e, conseqüentemente, a «recusa» aos estreitos limites da ilha (e até Região), como lugar de realização, predispõem os jovens a preferirem o estrangeiro, ou mesmo o continente como lugar de mudança, de acordo com os gráficos apresentados<sup>10</sup>.

e — *Satisfação com o trabalho.* Quanto ao trabalho que realizam, os urbanos demonstraram maior satisfação que os rurais, embora os faialenses distribuam as percentagens por igual entre rurais e urbanos (50%). Os terceirenses são os que mais percentuaram a categoria **muito satisfeito** (81% para

urbanos e 72% para rurais). Mas são também os terceirenses rurais que mais percentuaram a categoria **nada satisfeito** (6.6 para 4.4 dos micalenses e 0% dos faialenses). Urbanos **nada satisfeitos**, só micalenses (3.3). Muitos são os **pouco satisfeitos**, com relevância especial para os faialenses rurais e urbanos que percentuam por igual 50%. A seguir estão os micalenses com 45% e 39% para rurais e urbanos. Os terceirenses, tendo percentuado significativamente a categoria **muito**, são os que menos percentuam a de **pouco**. (Ver gráficos XX e XXI).

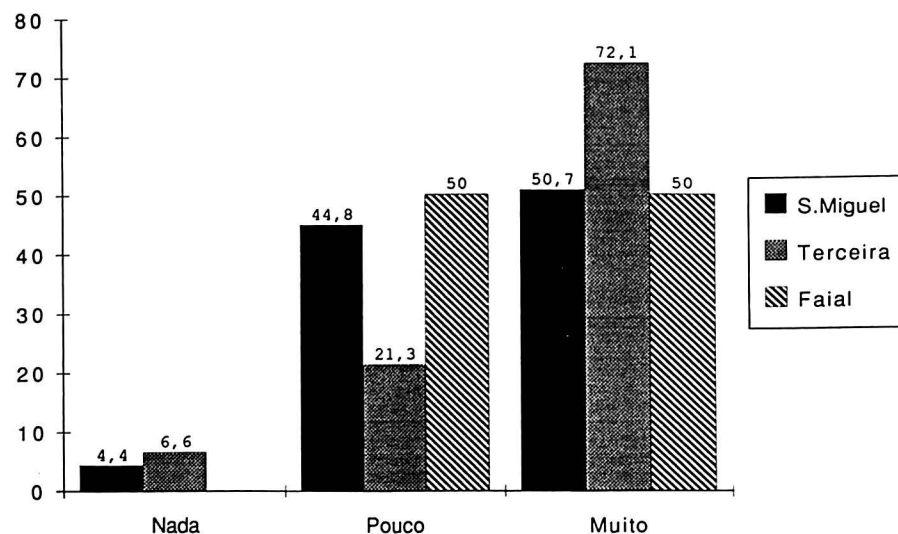
Por grupos de idade apenas 3% dos urbanos micalenses dos 20 aos 25 anos se consideram **nada** satisfeitos com o trabalho que realizam. Interessante notar como os terceirenses urbanos do 1º grupo são os mais satisfeitos (89% para 71.5%). Na categoria **pouco**, os faialenses do 2º grupo ocupam o 1º lugar (50%); os micalenses o 2º (42%); e os terceirenses o 3º (28.5%).

Gráfico XX  
Satisfação com o trabalho (total urbano, por ilhas)



<sup>10</sup> Cf. Idalina CONDE, «Identidade nacional e social dos jovens», *Análise Social*, vol. XXV (108-109), 1990 (4º e 5º), 675-693.

Gráfico XXI  
Satisfação com o trabalho (total rural, por ilhas)



Nos *rurais* há mais gente **nada** satisfeita, nos dois grupos, exceptuando os faialenses que não percentuam. Os terceirenses dos 15 aos 19 anos são os que mais a percentuaram (7.7%) seguidos dos micalenses dos 20 aos 25 anos (6%). Mas são também os rurais terceirenses que mais percentuaram o **muito** (77% para o 2º grupo e 69% para os do 1º), seguidos dos faialenses dos 15 aos 19 (57%) e dos micalenses dos 20 aos 25 anos (53%).

Assim, quanto ao trabalho que realizam, os urbanos demonstram maior satisfação que os rurais, embora os faialenses distribuam as percentagens por igual (50% rurais e urbanos). Os terceirenses são os que mais percentuaram a categoria **muito satisfeito** (81% dos urbanos e 72% dos rurais). Mas são também os terceirenses que mais percentuaram a categoria **nada** (6.6% para 4.4% dos micalenses e 0% dos faialenses). Urbanos **nada** satisfeitos só micalenses (3.3%). Muitos

estão **pouco** satisfeitos, com relevância especial para os faialenses rurais e urbanos, que percentuaram igual 50%. A seguir estão os micalenses com 45% e 39% para rurais e urbanos, respectivamente. Os terceirenses, tendo percentuado significativamente a categoria **muito**, são os que menos pontuaram a de **pouco**.

f — *Local escolhido para realização profissional.* Se pouco ou nada satisfeitos — e segundo os dados existem — é natural que se queira mudar de emprego. Será que o poderão conseguir no seu meio?

Os terceirenses urbanos estão na sua totalidade convencidos que sim (100%), no que são seguidos pelos micalenses (62%) e pelos faialenses (50%). Os rurais não são tão enfáticos tendo em conta as percentagens atribuídas: 62, 52.5 e 40% para micalenses, terceirenses e faialenses, respectivamente.

Como se pode deduzir, os rurais são os que menos perspectivas de futuro encontram no seu meio, e, de todos eles, os faialenses são os menos esperançados. (Ver gráficos XXII e XXIII).

Gráfico XXII  
Local preferido para a realização (total urbano)

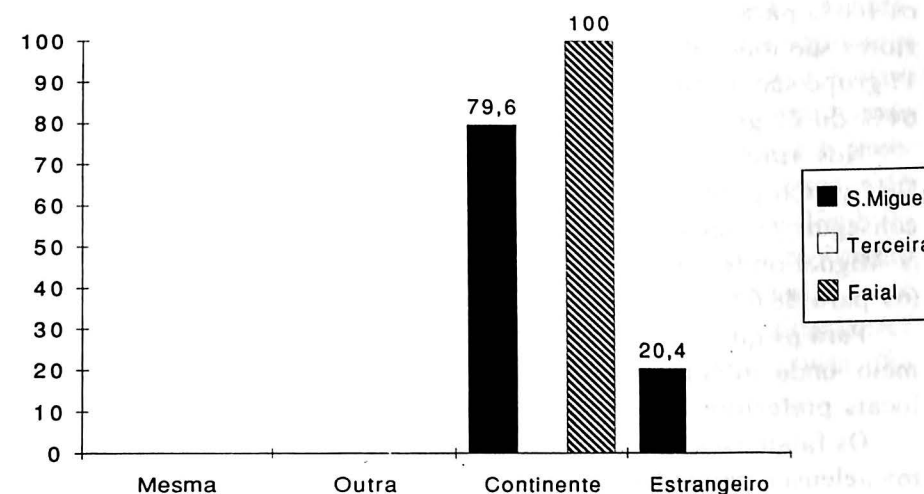
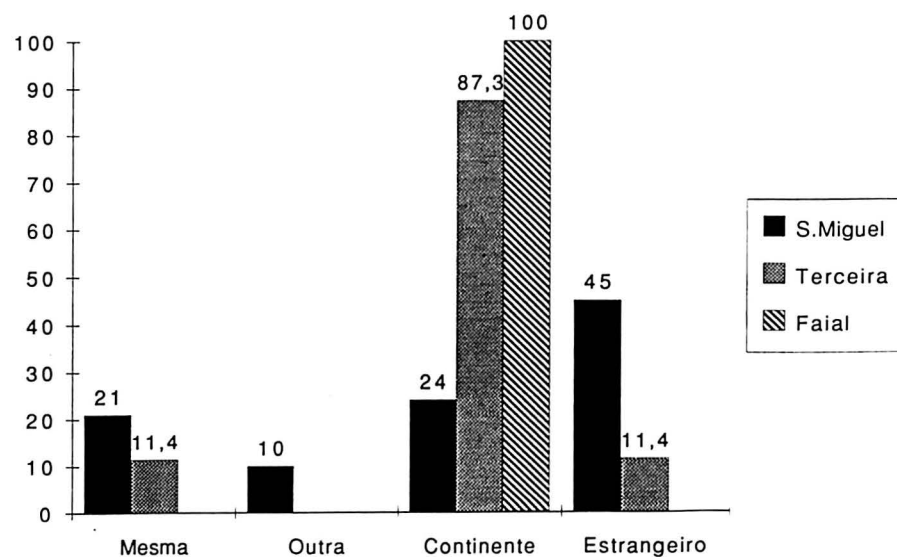


Gráfico XXIII  
Local preferido para a realização (total rural)



Por grupos de idade, nos *urbanos* terceirenses continuam os 100% para ambos os grupos; nos faialenses, os 50% anteriores são todos do 2º grupo. Nos urbanos micaelenses os do 1º grupo são os que menos percentuam o item **sim**: 50% para 64% do 2º grupo.

Nos *rurais* são maiores as alterações entre os grupos. O 1º grupo parece ser o que encontra no seu lugar meios de conseguir os seus intentos. Excepção apenas para a ilha de S. Miguel onde é o 2º grupo que pensa da mesma maneira: (65 para 58.6%).

Para os que julgam que não é possível consegui-lo no seu meio, onde julgam possível? A distribuição percentual dos locais preferidos é deveras interessante.

Os faialenses optam a 100% pelo continente. Os urbanos micaelenses percentuam o continente com 78.6% e o estran-

geiro com 20.4%, enquanto os rurais pontuam todos os locais da ilha: 21% local da mesma ilha; 10% outras ilhas; 24% continente e outras ilhas; 45% estrangeiro. Os terceirenses urbanos não percentuam nenhum outro local, enquanto os rurais só não privilegiam outra ilha, percentuando as outras alternativas: 11% mesma ilha; 87.2% continente e 11.4% estrangeiro.

O eixo central mudou do estrangeiro, local preferido de mudança em geral, para o continente como local de realização profissional, como se pode verificar nos gráficos apresentados.

Esta mudança de posição confirma-se ainda mais na análise por grupos de idade. Os jovens micaelenses do 1º grupo preferem *o continente* na sua totalidade (100%) (igualando os faialenses do 2º grupo), enquanto os do 2º grupo o percentuaram com 75% e ao estrangeiro com 25%.

A opinião dos *rurais* difere um pouco da dos urbanos, não obstante a posição dos faialenses se manter 100% para o continente.

Os terceirenses do 1º grupo percentuam o continente com 75% e o estrangeiro com 25.4%; enquanto os do 2º grupo preferem *a sua ilha* (20%) ao estrangeiro 0%, pontuando significativamente o continente (80%).

Os micaelenses são os mais pluralistas, pois ambos os grupos percentuam todas as alternativas, embora com diferenças significativas: o estrangeiro é mais percentuado pelo 1º grupo (68.4 para 24.8%), enquanto o continente o é mais pelo 2º (37.6 para 8%). Talvez que os mais jovens parecem mais sensíveis à imagem eutópica do estrangeiro do que à preocupação pela sua realização profissional. Outra observação digna de registo é a que se refere aos urbanos. Nenhum deles considerou a Região como lugar provável de realização profissional, caso sintam essa necessidade. Os que mais percentuam o papel da Região são os rurais micaelenses que não só julgam possível consegui-lo na sua *própria ilha* (21%), como *em outras* (10%).

Este panorama nada animador, sobretudo quando pensado em perspectivas de desenvolvimento regional, parece reforçar a hipótese formulada:

«Sendo que grande parte das aspirações manifestas dos jovens (melhor nível de vida, habitação própria, promoção profissional, etc.) não encontram, geralmente, resposta adequada, num contexto social ainda afectado por uma cultura tradicional remanescente e por bloqueios sócio-económicos, prevê-se — a par duma desmotivação pessoal e duma inadaptação à situação vivida — a tendência para emigrar com vista à satisfação completa.»<sup>11</sup>

### Questões em aberto

Até agora apresentamos os dados ordenados segundo áreas temáticas e com o devido tratamento percentual. A realidade, porém, é mais complexa que as nossas teorias e a sua compreensão e explicação não se esgotam nas percentagens. Daí a razão de ser destas questões em aberto. Vamos seguir a exposição, retomando o que nos pareceu mais significativo e merecedor de posterior reflexão.

a) Quanto ao mundo do trabalho, e embora com algumas diferenças entre ilhas, os urbanos são os que se encontram em posição mais favorável:

- têm maior possibilidade de se dedicarem exclusivamente ao estudo;
- sentem menos o desemprego;
- possuem maior formação profissional e, caso a não tenham, são os que mais a consideram como **muito necessária**.

<sup>11</sup> Cf. Francisco CARMO, Gilberta ROCHA, Octávio de MEDEIROS, *op. cit.*, pp. 25-26.

Os rurais, ao contrário, sentem diversas dificuldades. São eles que:

- mais trabalham e estudam;
- mais sentem o desemprego, inclusive por despedimento;
- menos preparação têm para o trabalho e, exceptuando os micaelenses, são os que a consideram menos necessária.

Apesar destas desigualdades estruturais, quase «institucionalizadas», o trabalho é entendido, significativamente, como meio de realização pessoal e como contributo à sociedade. Como será possível sentir-se realizado no desemprego, sem possibilidades de estudar para se valorizar e sem sentir a necessidade de uma formação adequada?

b) Quanto à habitação, urbanos e rurais consideram as casas onde habitam com as condições mínimas. A dificuldade surge quando pensam adquirir casa própria. Neste sector, os urbanos são os que mais sentem o problema da falta de habitação, mas parecem confiantes na facilidade em adquiri-la, sobretudo os faialenses.

c) A integração no meio, concretizada na participação em actividades e grupos, é outro item a não descurar. Os micaelenses, pela falta de espírito participativo revelado pelos dados, devem merecer atenção especial. Isto não só porque participam em fraca quantidade, mas por não se sentirem obrigados a tal.

Neste sector, os faialenses demonstram maior espírito associativo, com relevância para os urbanos. Além disto, são também eles os que mais participariam, caso fossem *convidados para o efeito*, pois *preparação* não lhes falta, disseram.

d) A imagem que fazem dos jovens de hoje é, no geral, positiva. Não se consideram «perdidos», nem tão imediatistas que não pensem no futuro.

Além disso, parecem convencidos que valores tais como justiça, generosidade e sinceridade, não foram exclusivos das gerações passadas, mas continuam a valer para os jovens actuais.

Isto o que nos foi revelado pelos dados. E se diferenças percentuais existem, elas são mais significativas entre ilhas do que entre zonas.

e) Avaliação de situações. Face ao elenco de situações apresentado, e todas relacionadas com questões morais (quer de moral individual, quer familiar, quer social), as maiores percentagens incidiram, normalmente, na categoria de *muito grave*. As diferenças percentuais constatadas não são tão significativas que nos permitam «criar» um «tipo ideal» consequencial.

Uma vez mais parece manifesta uma certa enculturação entre rurais e urbanos.

f) No que se refere ao modo como ocupam os seus tempos livres, parece que muito há ainda a fazer no sentido de um maior empenhamento em actividades culturais. Não se transforma a sociedade apenas a ouvir música (rádio/cassete), ou rádio ou a ver televisão.

Há actividades que urge valorizar se se pretende um maior desenvolvimento sócio-cultural da juventude.

Se «nem só de pão vive o homem», também nem só de ouvir música vive a cultura de um povo.

Quanto ao tipo de **aspirações** que movem os jovens para o futuro e que, «sendo parte de um projecto de vida, acalentam e animam as suas esperanças», também é de salientar algumas questões para reflexão.

a) As *habilitações literárias* desejadas são, sem dúvida, bastante elevadas. Isto tanto nos urbanos como nos rurais. O ensino superior é de longe, o mais desejado pelos urbanos, enquanto os rurais, exceptuando os micalenses, privilegiam o Propedêutico (12º ano).

Não deixa de ser significativo o facto de serem os jovens micalenses — urbanos e rurais — os que mais aspiram ao curso superior.

Estas percentagens merecem a nossa atenção, e não as podemos interpretar unidireccionalmente. O facto da existência de um Pólo da Universidade dos Açores em Ponta Delgada, bem como a imagem que permanece no imaginário popular do «status» social (e económico) das «pessoas de estudos», poderá ajudar-nos na sua compreensão.

Os terceirenses, sobretudo os urbanos, não têm o mesmo posicionamento. Mais «democratizados» na sua convivência e, talvez, menos dependentes dos «estudos» para a obtenção de um «status» sócio-económico elevado, não demonstram grande necessidade do curso superior como meio de se posicionarem na sociedade.

Os faialenses urbanos valorizam bastante o curso superior, enquanto os rurais se contentam com o 12º ano. Dois imaginários bem diferentes, contrastando com o verificado em S. Miguel. A fraca motivação dos rurais para o superior poderá compreender-se pelas poucas saídas profissionais perspectivadas e, talvez, pela desmotivação generalizada manifestada pelos jovens da ilha em outros itens do questionário.

b) A questão da satisfação das aspirações não pode passar despercebida.

De um modo geral, as aspirações pessoais parecem mais satisfeitas nos urbanos. O que se passa com os rurais faialenses é deveras significativo. Não obstante os 9.5% atribuídos à satisfação da maioria das aspirações pessoais, a ideia que faz da não satisfação da maioria das aspirações dos jovens da freguesia (0%), é verdadeiramente negativa. No conjunto das

três ilhas estudadas, os rurais faialenses demonstram um grau de insatisfação tal que não pode ficar encerrado nestas «questões em aberto». Deve, sim, tornar-se objecto de estudos mais aprofundados e focalizados.

c) Sentir-se bem no lugar onde vivem é comum aos jovens das três ilhas. Mas os terceirenses são os que mais valorizam o seu meio, sobretudo os rurais.

Isto não obsta no entanto a que o desejo de mudança seja sentido também por eles, sobretudo pelos faialenses — mais os rurais que os urbanos. Os terceirenses, mormente os rurais, continuam a «confiar» no seu meio, percentuando pouco significativamente o item da mudança. Parece que na Terceira o campo apresenta possibilidades bem diferenciadas das de S. Miguel e, sobretudo das do Faial. Assim sendo, uma vez mais é digno de registo a atitude dos faialenses.

A terem de mudar de meio, maior percentagem vai para o estrangeiro, com relevo especial para os faialenses que demonstram grande «aversão» pela sua ilha (0% para urbanos e rurais), em frontal oposição com os micaelenses e terceirenses.

d) No trabalho que realizam, as percentagens dos muito satisfeitos superam, de longe, as dos nada satisfeitos. Nota digna de registo é a grande satisfação dos terceirenses, não obstante os 6.6% de rurais nada satisfeitos. Mas a excepção nesta categoria mais do que negar, parece confirmar a regra.

Para a realização profissional, caso sintam a sua necessidade, os urbanos terceirenses são unânimes em afirmar que podem consegui-la no seu meio, o mesmo não acontecendo com os rurais. Por ilhas, a do Faial é a que menos possibilidades de realização oferece. E, para o conseguir, apenas escolheriam o Continente (100%), lugar que os urbanos micaelenses também valorizam, diferenciando-se dos rurais que continuam a preferir o estrangeiro.

Não deixa de ser interessante esta mudança do local desejado, bem como as fortes percentagens atribuídas.

O interesse pelo Continente é muito mais sentido pelos urbanos, facto que parece indicar que o estrangeiro «é bom» para viver, mas o Continente «é melhor» para a promoção profissional.

Para reflectir fica o facto da não valorização da Região como local de realização profissional, não obstante todos os investimentos realizados neste sector.